

REVISTA

CICEP

EVOLUÇÃO

ABRIL DE 2023 V.2 N.4

ISSN: 27645363
9 772764 536002

DATA DE PUBLICAÇÃO: 10/04/2023

SUA JORNADA DE CONHECIMENTO
PODE COMEÇAR HOJE



SL EDITORA

Revista Evolução CICEP

Nº 4

Abril 2023

Publicação

Mensal (abril)

SL Editora

Rua Fabio, 91, casa 13 – Chácara Belenzinho 03378-060

São Paulo – SP – Brasil

www.sleditora.com

Editor Chefe

Neusa Sanches Limonge

Projeto Gráfico e capa

Lucas Sanches Limonge

Diagramação e Revisão

Rafael Sanches Limonge

Responsável Intelectual pela Publicação

Centro Institucional de Cursos Educacionais Profissionalizantes (CICEP)

Revista Evolução CICEP – Vol. 2, n. 4 (2023) - São Paulo: SL Editora, 2023 – Mensal

Modo de acesso: <https://www.revistaevolucaocicep.com.br/>

ISSN 2764-5363 (online)

Data de publicação: 10/04/2023

1. Educação 2. Formação de Professores

CDD 370

CDU 37

Renato Moreira de Oliveira – Bibliotecário - CRB/8 8090

SUMÁRIO

BREVE HISTÓRIA DA ALFABETIZAÇÃO

Joana Batista de Souza.....4

PAPEL DA ESCOLA/PROFESSOR NA ADOÇÃO DE COMPORTAMENTO DE CONSUMO

Monique Ellen Veronési.....12

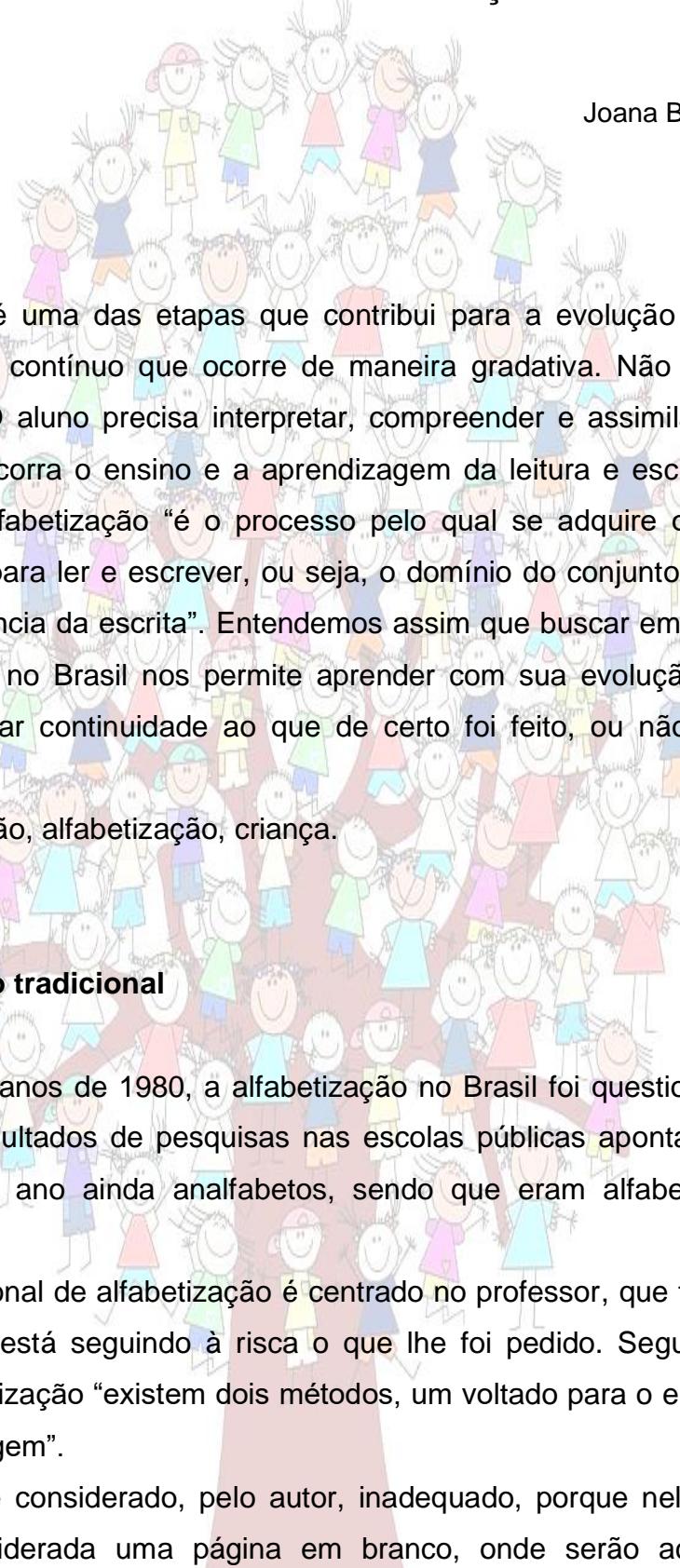
A BELEZA É A ÚNICA COISA: de “Demônio de Neon”, de Nicolas Winding Refn, às produções atuais de Suzanne Bier, a manifesta incorporação do sensorial dinamarquês no cinema contemporâneo

Luciana Vergniassi.....20

A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL COMO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL DA CRIANÇA

Adriana Maria Viana.....25

BREVE HISTÓRIA DA ALFABETIZAÇÃO

Joana Batista de Souza

RESUMO

A alfabetização é uma das etapas que contribui para a evolução intelectual do aluno, e é um processo contínuo que ocorre de maneira gradativa. Não basta apenas codificar e decodificar. O aluno precisa interpretar, compreender e assimilar o conteúdo para que efetivamente ocorra o ensino e a aprendizagem da leitura e escrita. Conforme Ribeiro (2015, p. 91), alfabetização “é o processo pelo qual se adquire o domínio das habilidades de utilizá-lo para ler e escrever, ou seja, o domínio do conjunto de técnicas – para exercer a arte e ciência da escrita”. Entendemos assim que buscar embasamento na história da alfabetização no Brasil nos permite aprender com sua evolução e caminhos percorridos, quer para dar continuidade ao que de certo foi feito, ou não repetir erros cometidos.

Palavras-chave: educação, alfabetização, criança.

Método de alfabetização tradicional

Em meados dos anos de 1980, a alfabetização no Brasil foi questionada devido ao fracasso escolar. Resultados de pesquisas nas escolas públicas apontavam que os alunos chegavam ao 5º ano ainda analfabetos, sendo que eram alfabetizados pelo método tradicional.

O método tradicional de alfabetização é centrado no professor, que tem a função de observar se o aluno está seguindo à risca o que lhe foi pedido. Segundo Cagliari (1998, p. 108), na alfabetização “existem dois métodos, um voltado para o ensino e outro voltado para a aprendizagem”.

O primeiro tipo é considerado, pelo autor, inadequado, porque nele a situação inicial do aluno é considerada uma página em branco, onde serão acrescentadas informações, uma após a outra, dando ênfase ao conhecimento já dominado e, para isso, decorar é fundamental. O autor cita como exemplo deste método, o uso das cartilhas, em

que o aluno precisa desmembrar palavras, decorar os pedaços e, com eles, construir outras palavras.

O segundo tipo de método, que enfoca a aprendizagem, é centrado na reflexão em que o aprendiz utiliza todo conhecimento adquirido a partir do momento que nasce para refletir sobre todas as coisas. Esse método prega que o ensino é igual para todos, enquanto a aprendizagem é diferenciada para cada indivíduo, isto é, cada um tem o momento adequado para aprender. Contudo, Cagliari (1998) considera que,

O melhor método para um professor deve vir de sua experiência e deve ser baseado em conhecimentos sólidos e profundos da matéria que leciona. O fato de não ter um método preestabelecido não significa que o ensino seguirá navegando à deriva [...] Quando um professor é bem conhecedor da matéria que leciona, ele tem um jeito particular de ensinar [...] e isso é fundamental para o processo educativo. (CAGLIARI, 1998, p. 108)

Geralmente, o método de ensino que utilizava as cartilhas, era feito por etapas exigindo que os alunos as seguissem, de acordo com sua ordem, usando palavras-chaves e sílabas geradoras, ou seja, o famoso método do “bá-bé-bi-bó-bu”. Cada capítulo da cartilha apresentava uma unidade silábica. As lições eram organizadas do mais fácil para o mais difícil e finalizam com um texto que resumia tudo o que ela tentou ensinar.

A Cartilha tem seu ensino baseado na ortografia perfeita, ensinada através de regras gramaticais, confundindo ainda mais a aprendizagem do aluno e deixando, às vezes, seus textos escritos de forma ortograficamente correta, porém sem sentido. A cartilha de método tradicional cria seus próprios ideais, que o aluno tem por obrigação seguir, aprendendo uma lição após a outra.

Essa metodologia tem a concepção de que a aula deve acontecer apenas dentro da sala, em que o professor ensina a matéria, passa os exercícios e depois os corrige, seguindo com a matéria em frente, fazendo sempre a mesma coisa, tornando a aula mecanizada, dando a entender que o aluno só irá aprender através do conhecimento do professor.

Este tipo de aula faz com que o aluno aprenda por repetições de exercícios, com exigência do uso da memória, levando o aluno a decorar e não a aprender e, como consequência, a escola forma alunos desinteressados e desmotivados pelos estudos.

O Método tradicional sob a ótica de Paulo Freire

Freire (2013), em seu livro “Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa” descreve o método tradicional como sendo uma alfabetização bancária. Isso significa que a alfabetização na concepção bancária se baseia na transmissão de conhecimentos do educador ao educando; dessa forma, o educando é apenas o objeto da aprendizagem que se encontra “vazio” e passivo, e o professor deve apenas “depositar” os conteúdos a fim de que eles os assimilem e os reproduzam.

Essa situação acontece nas relações tradicionais de alfabetização, nas quais o educador é o único conhecedor e o educando não traz nada de sua realidade; por essa razão, nessa forma de ensino, é desconsiderada a realidade e os conhecimentos do educando, considerando-o como recebedor passivo e decorador das sílabas que irá aprender.

Nesta concepção de educação, os educandos somente recebem os conhecimentos como arquivos para serem utilizados quando necessário. Desta forma, a alfabetização é narradora e dissertadora, porque se limita a relatar conhecimentos sem reflexão. Segundo Freire, [...] uma das características desta educação dissertadora é a “sonoridade” da palavra e não sua força transformadora.

No fundo, porém, os grandes arquivos são os homens, porque fora da busca, fora das práticas, os homens não podem ser. Educadores e educandos se arquivam na medida em que, nesta distorcida visão de educação não há criatividade, não há transformação, não há saber. (FREIRE, 2005. p. 66-67)

A alfabetização, na concepção bancária, não possibilita o verdadeiro acesso ao saber que, segundo Freire (2005, p. 67) “é crítica, de invenção e reinvenção, de busca permanente feita no mundo, com o mundo e com os outros; a concepção bancária, ao contrário] assim, mantém-se, refletindo a sociedade opressora e sua visão, reforçando a cultura do silêncio e de passividade dos oprimidos”.

A massa, nesta concepção de alfabetização, não tem voz, pensar próprio, leitura do mundo e nem a possibilidade de uso dos seus conhecimentos para uma ação, o que faz dos “homens espectadores e não recriadores do mundo” (FREIRE, 2005, p. 67).

Freire (2005) ainda reforça que a alfabetização é dada como se fosse desvinculada da realidade; por isso, se percebe que há a utilização de frases prontas, sem criticidade e, muitas vezes, sem sentido, e as cartilhas só reforçam o caráter bancário.

Os conteúdos para o aprendizado da escrita são acríticos e não refletem a

realidade, mas a prática alfabetizadora tradicional. Outro aspecto importante a se destacar é o controle de leitura, que expressa a alfabetização que os “os opressores” querem: que limite a leitura e o verdadeiro saber, que apassive para a resignação e não para a emancipação, que limite a leitura e o pensar para uma escrita acrítica. A alfabetização, em uma visão bancária, é aquela que serve para uma visão elitista da norma culta, em que é repassada a língua padrão da classe dominante, sua cultura e ideologia, e que determina quando e como se deve usar a escrita.

De certa forma, Paulo Freire, ao escrever, percebeu que a sociedade praticava uma cultura de leitura e escrita, mas não de letramento. Sua crítica à alfabetização tradicional traz a junção da alfabetização e do letramento em seu método; uma proposta não para repassar conhecimentos, mas para avançar em um letramento que sirva para as massas populares e que seja feito por elas.

A alfabetização, na perspectiva freireana, é perceptível claramente em seu método e suas práticas. No decorrer da alfabetização, ao realizar este método, podemos analisar a letra e sua perspectiva, como um conjunto que dificilmente dissocia alfabetização de letramento.

Para Freire (2005), quando a alfabetização é tomada como uma aprendizagem de leitura e escrita de “forma ingênua” e tradicional, ela não observa princípios básicos da educação, como uma prática necessária, que sirva para o aprendizado e não para a impossibilidade de prosseguimento no conhecimento, pelo uso de leitura e escrita.

Nesta visão, pode-se observar o educando não como ser, mas depósito de conhecimentos, algo que frequentemente ocorre com muitas pessoas que leem, mas não interpretam o que têm lido, pois recebem o código linguístico sem realmente serem letradas.

Freire (2005) concebe a leitura com a finalidade de inserir o indivíduo em um contexto de conhecimento e sabedoria para a formação de outros conhecimentos, algo que uma educação bancária não objetiva. Para o autor,

[...] o ato de estudar, enquanto ato curioso do sujeito diante do mundo é expressão da forma de estar sendo dos seres humanos, como seres sociais, históricos, seres fazedores, transformadores, que não apenas sabem, mas sabem que sabem. (FREIRE, 2009, p. 60).

Na visão de Paulo Freire a alfabetização não deve reproduzir seres passivos,

mas compreendedores da realidade e da vida social. Estes fatos reforçam o que a maioria dos estudiosos tem concluído sobre o letramento, que seria para as necessidades de utilização de escrita e leitura exigidas pela sociedade e de importância nas várias práticas sociais.

Paulo Freire além de expressar características do letramento amplamente aceito, afirma que ele ultrapassa o aprendizado, visando o ser não como passivo, mas como sujeito ativo em seu contexto social e histórico, voltado para a ação transformadora.

Segundo Pinto (1989, p. 61), o letramento tradicional pode ter como foco o acesso a várias fontes escritas e valoriza apenas aquele que lê e escreve e, aos que não têm acesso a esses processos, “desconsidera-os, como iletrados, incultos, pessoas ignorantes absolutas”.

De acordo com Tfouni (1995) deve-se valorizar o saber de acordo com os aspectos sócio históricos do homem: “Enquanto a alfabetização se ocupa da aquisição da escrita por um indivíduo ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio históricos da aquisição de uma sociedade” (TFOUNI, 1995, p. 20).

Assim, observa-se um método não como simples técnica de aprendizagem de leitura e escrita, mas como a totalidade que ultrapassa estes e muitos outros aspectos do que vem a ser letramento. “As técnicas do método de alfabetização de Paulo Freire, embora em si valiosas tomadas isoladamente não dizem nada do método” (FIORI, 2005, p. 9), portanto, não pode ser tratada como simplesmente uma técnica, mas com uma visão em que alfabetizar é humanizar.

Reforçando esse aspecto “sensível” e humano, a autora Magda Soares (2003, p. 39) afirma que “Letramento é, sobretudo, um mapa do coração do homem, um mapa de quem você é e de tudo que pode ser”. Paulo Freire observa esse mapa da condição de oprimido do ser, que passa pela leitura de mundo e reflexão das causas sociais, que leva a uma conscientização, uma real leitura de mundo e das condições de vida.

De grande valor é a contribuição de Freire em relação à leitura de mundo em que o ato de ler tem como ponto de partida a experiência de vida, leitura do contexto, depois da palavra. Paulo Freire (2005) busca aprofundar este letramento para que forme a leitura da palavra-mundo: Na verdade, o domínio sobre os signos linguísticos escritos, mesmo pela criança que se alfabetiza, pressupõe uma experiência social que o precede – a da leitura do mundo.

Esta percepção desmistifica a visão ingênua e ideológica de que os alunos de famílias com pouco acesso a leitura tendem a ser ignorantes em absoluto e que por sua

falta de conhecimento dificilmente serão letrados e que não poderão transformar a situação.

[...] Aprender a ler e a escrever é aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto numa relação dinâmica, vinculando linguagem e realidade e ser alfabetizado é tornar-se capaz de usar a leitura e a escrita como meio de tomar consciência da realidade e de transformá-la. (FREIRE, 2005, p. 60).

A partir de todo o exposto, vê-se a importância em valorizar um método que vai muito além de ensinar a ler e a escrever, mas sim “letrar”, levando o aluno a interpretar e refletir, para que se torne um ser crítico e autônomo, dono de seu próprio saber e assim possa contribuir para uma sociedade mais justa.

O método Sociolinguístico

O Método Sociolinguístico veio para propor uma nova forma de alfabetização. Isto porque desenvolve efetivamente o diálogo no contexto social de sala de aula. É linguístico porque trabalha o que é específico da língua, a codificação e decodificação de letras, sílabas, palavras, texto, contexto e o desenvolvimento as habilidades para ler e escrever.

Esta proposta está fundamentada no método Paulo Freire e nas atividades didáticas desenvolvidas pela teoria de Emília Ferreiro e Ana Teberosky, na qual a criança passa pelos diferentes níveis de estrutura escrita, descritos na “Psicogênese da Língua escrita” (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999).

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **A avaliação da aprendizagem escolar.** 10 ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

BRASIL. **PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS:** introdução aos parâmetros curriculares nacionais/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1999.

BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases. **Lei nº 9.394/96**, de 20 de dezembro de 1996.

BRITO, Gláucia da Silva; PURIFICAÇÃO, Ivonélia da. **Educação e novas tecnologias:** um pensar. 2 ed. Curitiba: Editora Intersaber, 2015

CAGLIARI, L. C.. **Alfabetizando sem o BÁ-BÉ-BI-BÓ-BU.** São Paulo: Scipione, 1998. (Pensamento e ação no magistério).

CASTANHEIRA, M. L.; MACIEL, F. I. P.; MARTINS, R. M. F. (Org.). **Alfabetização e letramento na sala de aula.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica: Ceale, 2009. (Coleção Alfabetização e Letramento na Sala de Aula).

ENRICONE, Délcia, et al, **Planejamento de ensino e avaliação.** Porto Alegre: Sagra, 1993.

FAZENDA, I. C. A. (Org.) **Didática e Interdisciplinaridade.** Campinas: Papirus, 1997.

FERRAZ, M.H.; FUSARI, M.F.R. **Arte na educação escolar.** São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, P. **A Educação como Prática de Liberdade.** 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1978.

GARDNER, Howard. **Inteligências múltiplas:** a teoria na prática. São Paulo: Artes Médicas, 1997.

KRAMER, S. **Alfabetização, Leitura e Escrita:** formação de professores em curso. São Paulo: Ática, 2010.

MACHADO, N. J. **Cidadania e educação.** 2^a. ed. São Paulo: Escrituras Editora, 1997.

MELLO, Maria Cristina de; RIBEIRO, Amélia Escotto do Amaral (org). **Letramento:** significados e tendências. Rio de Janeiro: Wak, 2004.

MORAES, M.C. **O paradigma educacional emergente.** 6 ed, Campinas 1997

MORAN, José, **Aprendizagem significativa.** Entrevista ao Portal Escola Conectada da Fundação Ayrton Senna, 01/08/2008. Disponível em www.escola2000.org.br/comunique/entrevista/ver.ent.aspx?id=47. Acessado 08 nov 2018

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessário a educação do futuro.** Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 6^a Ed. São Paulo: Cortez Editora.

MOURA, M.Z. **No discurso de professore, a formação para o trabalho com computadores no contexto escolar.** Anais(...) Caxambu, 2002. In: BRITO, Gláucia da Silva; PURIFICAÇÃO, Ivonélia da. **Educação e novas tecnologias:** um pensar. 2 ed. Curitiba: Editora Intersaber, 2015

NOVOA, A. **Formação de Professores e Profissão Docente.** In: NÓVOA, A.(Org.). Os professores e sua formação. Lisboa: D.Quixote, 1995.

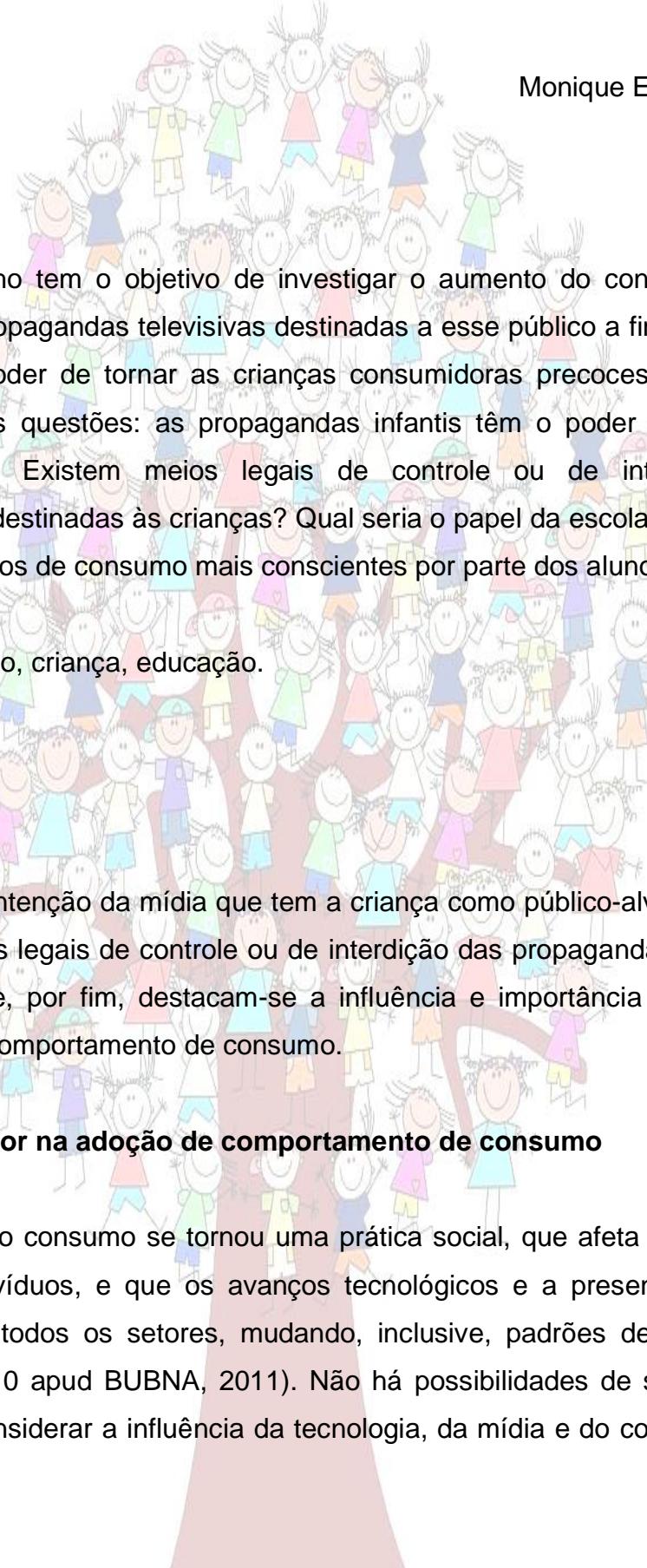
PEIXOTO, J. **Metáforas e imagens dos formadores de professores na área da informática aplicada a educação.** Educação & Sociedade, Campinas, v. 28, n. 101, p. 1479-1500, 2007.

PILETTI, C; Nelson; ROSSATO, Geovanio. **Educação básica:** da organização legal ao cotidiano escolar. São Paulo: Ática, 2010.

RIBEIRO, V. M. (Org). **Letramento no Brasil.** São Paulo: Global, 2003.

SEBER. M. da G. A **Escrita Infantil:** o caminho da construção. São Paulo: Scipione, 2009. (Coleção Pensamento e Ação na Sala de Aula).

PAPEL DA ESCOLA/PROFESSOR NA ADOÇÃO DE COMPORTAMENTO DE CONSUMO



Monique Ellen Veronési

Resumo

O presente trabalho tem o objetivo de investigar o aumento do consumo infantil como decorrência das propagandas televisivas destinadas a esse público a fim de verificar se as mesmas têm o poder de tornar as crianças consumidoras precoces. Para tanto, partiremos das seguintes questões: as propagandas infantis têm o poder de tornar as crianças consumidoras? Existem meios legais de controle ou de interdição das propagandas televisivas destinadas às crianças? Qual seria o papel da escola/professor na adoção de comportamentos de consumo mais conscientes por parte dos alunos?

Palavras-chave: consumo, criança, educação.

Introdução

Percebendo-se a intenção da mídia que tem a criança como público-alvo, tomam-se conhecimentos dos meios legais de controle ou de interdição das propagandas televisivas destinadas às crianças e, por fim, destacam-se a influência e importância do papel do professor na adoção de comportamento de consumo.

Papel da escola/professor na adoção de comportamento de consumo

Considera-se que o consumo se tornou uma prática social, que afeta os desejos e comportamento dos indivíduos, e que os avanços tecnológicos e a presença da mídia fazem-se presentes em todos os setores, mudando, inclusive, padrões de produção e consumo (LIBÂNEO, 2010 apud BUBNA, 2011). Não há possibilidades de se pensar no trabalho docente sem considerar a influência da tecnologia, da mídia e do consumo sobre os alunos.

Segundo uma publicação de Bergamasco (2009), a publicidade direcionada ao público, principalmente o infantil, além de estar presente em *outdoors* e TV, também tomou parte das escolas: é o chamado “marketing de guerrilha” pelos grandes anunciantes com o interesse em promover ali os produtos de apelo infanto-juvenil.

O autor ainda verifica que muitas vezes os anunciantes adentram os portões dos colégios, apresentando seu produto, distribuindo brindes e, dessa forma, divulgam seu produto a um grande público, superior ao da escola, pois as crianças que não ganham o “brinde” pedem aos pais e as que ganham saem da escola, apresentando-o a parentes e amigos.

Exemplos de como a publicidade invade as escolas são inúmeros, mas um dos mais absurdos que se encontrou foi em relação à queixa de um pai do aluno da terceira série do Ensino Fundamental, sobre questões da prova de Matemática, elaboradas a partir da distribuição de um catálogo da perfumaria L’Aqua di Fiori. O texto de uma das questões era o seguinte: “Suponhamos que Bianca tenha R\$ 50.

Qual produto que ela poderia comprar na L’Acqua di Fiori?”

Além de a escola permitir esse *merchandising* na prova, esta ainda foi aplicada na véspera do Dia das Mães de 2007 e nessa prova havia um tópico o qual dizia: “Desenhe o produto que você escolheu para presentear sua mãe do seu jeitinho e escreva um bilhete bem carinhoso para ela” (BERGAMASCO, 2009. p, 1).

Segundo o Instituto Alana, que é uma organização sem fins lucrativos que desenvolve atividades educacionais, culturais, na articulação social e na defesa de dos direitos da criança e do adolescente, é na escola que a criança conhece seu primeiro ambiente de socialização, depois do familiar, assim, seria como se todos os produtos ali apresentados tivessem respaldo do professor.

Por esses motivos, torna-se inquestionável o papel educativo da escola, pois esta não tem o objetivo de promover consumo e sim o de levar o aluno a ser um cidadão crítico. Segundo Dettenborn (2002, p. 37),

Há necessidade de se orientar as crianças para que possam desenvolver suas capacidades críticas e não acreditem piamente em tudo o que vêem como verdades absolutas, visto que a proibição ao acesso a este meio de comunicação não consegue evitar esta influência.

Segundo Pereira *et al.* (2007) do artigo “Manhê eu quero!!! – O consumo infantil como uma nova marca da sociedade”, verifica-se que o ambiente dentro da sala de aula está ligado à desigualdade, pois ali se encontram crianças de diferentes níveis socioeconômicos e que têm em comum apenas o desejo de consumir. Portanto, o educador, diante dessa questão, deve evitar essa banalização de que consumo é poder, para que assim desconsidere esse modelo de sociedade consumista, esclarecendo que todos dentro do ambiente escolar sejam tratados de maneira igualitária, independente das classes sociais em que se encontram.

Neste mundo consumista em que se vive, passa a ser objetivo do professor educar um cidadão consciente ao consumo exagerado e lhe mostrar suas diversas consequências daquele. Para Teruya (2006, p. 81), os professores se sentem obrigados a compreender e se envolver nesse paradigma de conhecimento que é demandado pelas alterações da sociedade capitalista, “se apropriar das diferentes linguagens existentes no mundo da mídia, não apenas ao decifrar os códigos, mas também estar munido de uma interpretação crítica dos conteúdos que circulam nos diversos meios de comunicação” (grifo nosso).

Bubna (2011) aconselha o docente a fazer um planejamento que englobe a cultura midiática e escolar e considera a relevância da mídia como instrumento de socialização do indivíduo na sociedade contemporânea, pois não tem como fugir ou se deixar passar por despercebido à interferência midiática no cotidiano das crianças e às novas exigências para a instituição escolar.

Para Camurra (2010), o professor deve estabelecer um diálogo entre a cultura do telespectador e o universo transmitido pelas mensagens da mídia, atuando, assim, como

mediador na educação midiática. A autora ainda destaca que o educador deve ter cuidado para não impor ideias e julgamentos de forma moralista e sim dar possibilidades aos alunos para refletir, conhecer novos significados, partindo do que assistem, ouvem ou leem, pois o educador não pode impor nenhum valor ou conceito e sim emancipar o educando por meio da educação. Nesse contexto Teruya (2006) destaca que a instituição não tem o poder de modificar a mente do aluno, pois existe uma concorrência muito desigual por parte da mídia em nível global.

Os educadores não podem deixar que as crianças, enquanto alunos, entendam marcas comerciais apresentadas no ambiente escolar como parte do momento de aprendizagem. É preciso lembrar sempre que “[...] se a cultura comercial é ruim para as crianças, também não é benéfica para os adultos: ao protegê-las poderemos nos libertar” (HONIGMANN, 2005, p. 3).

Considerações finais

Após a realização da pesquisa, verifica-se que a cultura da mídia e a publicidade trabalham juntas com o intuito de promover o crescimento do consumo na sociedade, logo, não se importam com idade e/ou indivíduo. Nesse sentido, a mídia acaba por desenvolver na cultura humana a necessidade de ter para ser, pois aquela exerce grande influência na vida do homem e acaba por transformar a formação ideológica e os valores humanos.

Nesse contexto, reconhece-se que a preocupação das empresas e grandes anunciantes está no crescimento mercadológico e no acúmulo do capital, por isso surge o grande investimento na produção de novos modos de propagandas para atingir o grande público. O meio mais utilizado pelas empresas é a Televisão, que tem todo o conteúdo pronto, com imagens sofisticadas e sedutoras, com um forte apelo emocional, enquanto os outros tipos de mídia trazem a necessidade de desenvolvimento psicológico para se compreender a ideia do produto anunciado.

Diante dessas afirmações, fica evidente que as crianças estão expostas a essa necessidade de consumir em seu dia a dia, pois atualmente se verifica que os pais passam

o menor tempo possível com seus filhos por conta do trabalho, o que justifica a necessidade deles de dar uma vida melhor para estes. Porém, não se dão conta de que a falta dos pais está sendo substituída pela TV, a qual manipula e influencia seu filho a uma vida consumista, pois a publicidade direcionou-se ao público infantil sem se preocupar com o bem-estar e a educabilidade das crianças.

Dessa maneira, os principais objetivos do trabalho foram promover a pesquisa sobre a mídia, principalmente a TV, e apontar a influência que ela exerce sobre as crianças na sociedade. Dentre todos os assuntos da mídia, destaca-se a educação no combate ao consumo inconsciente, a qual tem como objetivo principal conseguir induzir os alunos à prática de compreender a mídia, para que, assim, consigam transformá-la em um apoio pedagógico, e fazer do aluno um cidadão com atitudes autônomas, que sabe interpretar plenamente os conteúdos midiáticos.

Assim, a educação pode garantir uma formação de valores humanos, mostrando ao aluno como atribuir sentido e contextualização às informações expostas pela mídia e fazendo do mesmo um cidadão com atitude crítica, criativo, reflexivo e transformador, partindo dos pressupostos praticados nas escolas com o direcionamento do novo docente formado pelas novas exigências da mídia.

Sendo assim, nós docentes devemos agir como mediador na educação midiática, não impor conceitos e sim emancipar o educando por meio da educação, neste sentido não podemos deixar com os alunos entendam marcar comerciais apresentadas na escola como parte do momento de aprendizagem, o qual nos coloca como protagonista da educação.

Referências

ALANA, Instituto. **Apresentação do Projeto Criança e Consumo e Solicitação de esclarecimentos.** Disponível em: <www.alana.org.br>. Acesso em: 28 de jul. 2011

A LINGUAGEM DO AMOR. Comercial Johnson & Johnson. Postado em 14 abr. 2012. Disponível em: <http://youtu.be/j0sT_Y4HT9A>. Acesso em: 15 jun. 2012.

ANOS 80. Melissinha (1986). Postado em 7 nov. 2009. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=uOjyU8sURtw&feature=results_main&playnext=1&list=PL74C88A6C52DDACFE>. Acesso em: 15 jun. 2012.

ARIÈS, Philipe. **História social da criança e da família**. 2 ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 2006.

BERGAMASCO, Daniel. **Publicidade entra nas escolas com brindes, gincanas e teatrinhos**. 2009. Disponível em: <<http://www.alana.org.br/CriancaConsumo/NoticiaIntegra.aspx?id=6205&origem=23>>. Acesso em: 29 jul. 2011.

BUBNA, Graciele Martins. **A mídia televisiva e sua influência na obesidade infantil**. 2011. f.34 Monografia (Conclusão de Curso de Pedagogia) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá.

BUCHT, C.; FEILITZEN, C. V. **Perspectivas sobre a criança e a mídia**. Brasília, DF: UNESCO, 2002.

BRASIL. A Convenção sobre os Direitos da Criança. Adaptada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 20 de novembro de 1989 e ratificada por Portugal em 21 de setembro de 1990. Disponível em: <http://www.unicef.pt/docs/pdf_publicacoes/convencao_direitos_crianca2004.pdf>. Acesso em 27 set. 2011.

_____. Comissão de Defesa do Consumidor. **Lei nº. 5.921, de 2001**. Acrescenta parágrafo ao art. 37 da Lei nº 8.078, de 11 de setembro de 1990, que dispõe sobre a proteção do consumidor e dá outras providências. Brasília, DF: Senado Federal, 2001. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/sileg/integras/571215.pdf>>. Acesso em: 27 set. 2011.

_____. Conselho Nacional de Auto-Regulamentação Publicitária. **Código brasileiro de auto-regulação publicitária**. Administrado pelo Conar. Versão Atualizada em Agosto de 2003. Disponível em: <http://www.ceunsp.br/publicidade/legislacao/Codigo_CONAR.pdf> Acesso em: 27 set. de 2011.

_____. Conselho Nacional de Autoregulamentação Publicitária. **CONAR**. São Paulo-SP.
Disponível em: <<http://www.conar.org.br/>>. Acesso em: 28 jul. 2011.

CAMURRA, L. O sujeito contemporâneo e a mediação docente na cultura da mídia.
2010. 95f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá,
Maringá.

CARMONA, B. A participação da criança na televisão brasileira. In: FEILITZEN, C. V.;
CARLSSON, U. (Org.). **A criança e a mídia: imagem, educação, participação**. São
Paulo: Cortez, 2002. p. 331-336.

DETTERNBORN, Susan Artus. A influencia da mídia no comportamento das crianças.
Barbarói, Santa Cruz do Sul, n. 16, p. 33-38, jan./jun. 2002.

EU NASCI COM O CABELO ENROLADINHO. Postado em: 26 abr. 2009. Disponível em:
<<http://youtu.be/39B0bvbdK-Y>>. Acesso em: 15 jun. 2012.

GONÇALVES, Tamara Amoroso. A publicidade dirigida a crianças e a forma de valores.
2010. Disponível em: <http://www.alana.org.br/banco_arquivos/arquivos/artigo%20tamara.pdf...>. Acesso em: 25 jun. 2011.

HISTÓRIA DA TV GLOBINHO. PokeNews Online. 2010. Disponível em: <<http://pokeonline.blogspot.com.br/2010/03/historia-da-tv-globinho-especial.html>> Acesso em: 15
jun. 2012.

HONIGMANN, Dvid. Crianças Superpoderosas. **Mais!**, São Paulo, 15 de maio 2005. p. 3.

KUNKEL, Dale; SMITH, Stacy L. Perspectivas sobre a criança e a mídia. In: BUCHT, C.;
FEILITZEN, C. V. **A Criança e a mídia-imagem, educação, participação**. Brasília, DF:
UNESCO, 2002. p. 89-97.

LUCCAS, Jaime. Um freio a publicidade infantil. **Revista Cidade Nova**, n.1, p. 14-18,
jan. 2009. Disponível em: <<http://www.cidadenova.org.br/RevistaCidadenova/ArtigoDetalhe.aspx?id=3075>>. Acesso em: 27 fev. 2012.

PEREIRA, Priscila de Fátima; CORTELINI, Caroline M.; COSTA, Luciene da; MACKSOUD, Carolina Cordeiro; OLIVEIRA, Luise Fabiana; PINHEIRO, Andiara Lucas; RIBEIRO, Simone Bueno (Org.). **Manhê eu quero!!!** O consumismo infantil como uma nova marca da sociedade. Jaguarão, 2007.

PIOVESAN, Flávia; GONÇALVES, Tâmara Amoroso. **Restringir para proteger.** 2009. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=526CID002>>. Acesso em: 22 set. 2011.

POSTMAN, N. **O desaparecimento da infância.** Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

RIOS, Demerval Ribeiro. **Minidicionário escolar da língua portuguesa.** São Paulo: DCL, 2000.

ROSSI, Eliane Pimenta Braga. **A criança-consumidora:** a genealogia de um fenômeno contemporâneo. 2007. 140f. Dissertação (Programa de Pós Graduação em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia.

SANDÁLIA MORANGUINHO FRUTAS. Postado em 08/08/2011. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=1CIPlxg7Bg>>. Acesso em: 15 jun. 2012.

SILVA, Ana Cristina Teodoro da. A televisão como instrumento pedagógico: In:

_____ ; NEVES, Fátima Maria; MESTI, Regina Lucia (Org.). **Educação, comunicação e mídia.** Maringá: Eduem, 2009. p. 33-41. v.35

STRASBURGUER, Victor C. **Os adolescentes e a mídia.** Tradução de Dayse Batista. Porto Alegre: Artmed, 1999.

TERUYA, T. **Trabalho e educação na era midiática.** Maringá: Eduem, 2006.

A BELEZA É A ÚNICA COISA

De “Demônio de Neon”, de Nicolas Winding Refn, às produções atuais de Suzanne Bier, a manifesta incorporação do sensorial dinamarquês no cinema contemporâneo

Por Luciana Vergniassi

“A beleza não é tudo, ela é a única coisa”. A frase é dita por um personagem do filme “Demônio de Neon” (The Neon Demon), lançado em 2016, dirigido por Nicolas Winding Refn. Proferida em um filme muitas vezes reduzido a mero exercício estético por parte da crítica, a frase ganha contornos irônicos. Porém, a beleza está bem longe de ser a única coisa em “Demônio de Neon”.

Em um filme que testa os limites do hibridismo de gênero e do sensorial, “Demônio de Neon” revisto hoje se revela, na verdade, inspiração para produções audiovisuais atuais. É no mínimo interessante a ação exercida sobre os espectadores por parte dos filmes que não se encaixam dentro de moldes de gêneros específicos isolados. Filmes caracterizados pela mescla -randômica, linear ou vertical- de vários tipos de filme dentro do mesmo texto. Trata-se do chamado “hibridismo de gênero”, elemento narrativo altamente volátil e que, como tal, demanda habilidades cirúrgicas ao ser empregado.

A que este filme vem afinal? Seria esta a primeira questão a surgir para um impaciente espectador acostumado às diversas caixinhas classificatórias das generalizações narrativas; porém, o hibridismo pode construir narrativas filmicas incríveis, especialmente se apoiado em sua inevitável, inerente e inseparável alta carga de estranheza palpável. “Demônio de Neon” é um exemplo notável de um filme de gênero híbrido, cuja narrativa se inicia como um drama quase folhetinesco para desembocar em nuances fortes de suspense, surrealismo e terror.

A indigestão provocada pela estranheza e desconforto da receita de Refn é certeira, e muitas vezes ao longo dos anos esta (como outras) obra de Refn tem sido mal interpretada por público e crítica como um filme ruim; o que ele realmente não é.

“Demônio de Neon” traz a atriz Elle Fanning no papel de Jesse, uma garota do interior recém-chegada a Los Angeles para iniciar sua carreira de modelo. Com carinha de ninfeta angelical e beleza natural, ela logo desperta a inveja e o desejo de vingança de outras modelos veteranas -interpretadas por Abbey Lee Kershaw e Bella Heathcote, cujas figuras de magrezas angulares caem como uma luva para a plasticidade sombria de Refn-, que começam a perder espaço para a novata Jesse. Além disso, Jesse tem de lidar com o machista e violento gerente do hotel fuleiro onde está hospedada (Keanu Reeves, que demonstra comprometimento no papel, mesmo que pequeno) e também com as investidas sexuais de Ruby (papel de Jena Malone), uma maquiadora (de vivos e mortos). O aparente roteiro de folhetim não é o que parece. Mesmo. As agruras de vida de modelo, o drama da moça interiorana sofrendo na cidade grande em meio a violências de naturezas diversas é apenas cortina de fumaça para uma proposta de natureza muito diversa.

Sob a direção de Refn, o enredo de novela é gradualmente abandonado (na verdade, só tocado em sua superfície) para que, em forma e em conteúdo, o espectador embarque em uma viagem bizarra e surreal. Conforme Jesse progride na carreira, ela própria muda- assumindo uma postura mais agressiva e segura- assim como suas concorrentes de passarela também se tornam mais vorazes.

É neste ponto em que narrativas secundárias são simplesmente abandonadas enquanto a narrativa principal inicia seu mergulho cada vez mais profundo no bizarro, surrealista e sombrio. E Refn -em um movimento perigoso, corajoso e audacioso- o faz sem culpa, sem freios e sem justificativas. É aqui que desavisados dirão que o filme degringola e decepciona. Na verdade, não. É este, porém, o momento crucial em que o espectador embarca na viagem de Refn- ou a abandona de vez.

Trata-se de um filme “fora das caixinhas” das classificações de gênero e do que intuitivamente se espera dos tais moldes narrativos. Quando o filme se apresenta como um convite ao surreal e ao bizarro misturando gêneros sem a obrigação de se definir segundo premissas de moldes pré-estabelecidos revela sua genialidade e suas configurações extremamente intrincadas- e que fazem dele um material filmico rico como poucos.

Há então o mergulho profundo em digressões acompanhadas de uma atmosfera Lynchiana, alicerçado em um tratamento belíssimo de fotografia em cores de tintas e temperaturas intensas, que nos remetem ao “neon” do título. As imagens ganham destaque inequívoco sobre a presença e o conteúdo dos colóquios e desdobramentos narrativos- típica manobra surrealista-, adquirindo tal força que interlocuções e tramas chegam a soar quase que dispensáveis. O clima onírico é enfatizado pela trilha sonora que se torna- assim como todo o filme- cada vez mais dissonante.

As relações entre Jesse, Ruby, Sarah (Abbey Lee) e Gigi (Heathcote) se tornam nauseantemente tóxicas e culminam na assombrosa sequência final. Vale lembrar que a proposta de Refn nunca foi o de apresentar um filme narrativo convencional. A evidente estranheza e o desconforto causados pela forma e pelo conteúdo de “Demônio de Neon” são partes nucleares da proposta de Refn- o mal-estar diante da suposta falta ou quebra de conteúdo ou diante da exacerbação da imagem são propositais.

É como se o espectador se olhasse no espelho e visse algo totalmente inesperado; o choque é proposital e inevitavelmente reflexivo. O que se pode esperar? Uma história banal das agruras e vitórias da vida de uma modelo recém-chegada do interior? Ao invés disso, o espelho de Refn entrega algo completamente inusitado.

Nicholas Winding Refn é dinamarquês. Os países escandinavos são curiosos quando se trata de cinema; há traços bastante peculiares no cinema vindo de lá e vários diretores são particularmente muito hábeis ao tratar materiais de forma inusitada e mergulhados em hibridismos. Na Suécia dos primórdios da arte,

Victor Sjostrom e Mauritz Stiller pavimentaram o terreno para Ingmar Bergman, que por sua vez influenciaria gerações; atualmente, o país se destaca com trabalhos de Roy Andersson e Lasse Hallstrom, dentre outros. A Dinamarca- que conta com financiamento público em sua produção- merece destaque em especial: desde o início da arte do cinema, no início dos anos 1900, o país se destaca em inovação, tanto em forma como em conteúdo, seja pelos trabalhos de Carl Theodor Dreyer (referenciado até hoje) e Benjamin Christensen, seja pelas novas correntes e propostas que surgem quase que ciclicamente, como o Dogma de 1995, que revelou Thomas Vinterberg e Lars von Trier, ambos referências em termos de tratamento e uso da linguagem cinematográfica.

Vinterberg assina “Festa de Família” (1998, grande representante do Dogma), “A Caça” (2012), “A Comunidade” (2016), por exemplo. É de von Trier os mundialmente conhecidos “Os Idiotas” (1998), “Dançando no Escuro” (2000), “Dogville” (2003), “Melancolia” (2011), “Anticristo” (2011), “A Casa Que Jack Construiu” (2018). Filmes que

-tanto visualmente quanto na temática- tecem textos realmente inesperados reunindo suas configurações cinematográficas em discursos notáveis. É também dinamarquesa a diretora Susanne Bier, que ganhou notoriedade com “Brothers” (2004), “Em Um Mundo Melhor” (2010) e impactou o streaming com “Bird Box” (2018) para a Netflix. Recentemente, em 2020, Bier dirigiu a excelente série “The Undoing” para a HBO.

A ascensão de uma diretora como Bier ao mainstream norte-americano anos após o reconhecimento internacional de Vinterberg e von Trier demonstra que a assimilação das características muitas vezes híbridas e herméticas do cinema escandinavo já se diluiu em doses mais palatáveis ao gosto comum; mas que isso não se confunda com perda de qualidade: estão lá vários dos traços deste impetuoso cinema de estranheza.

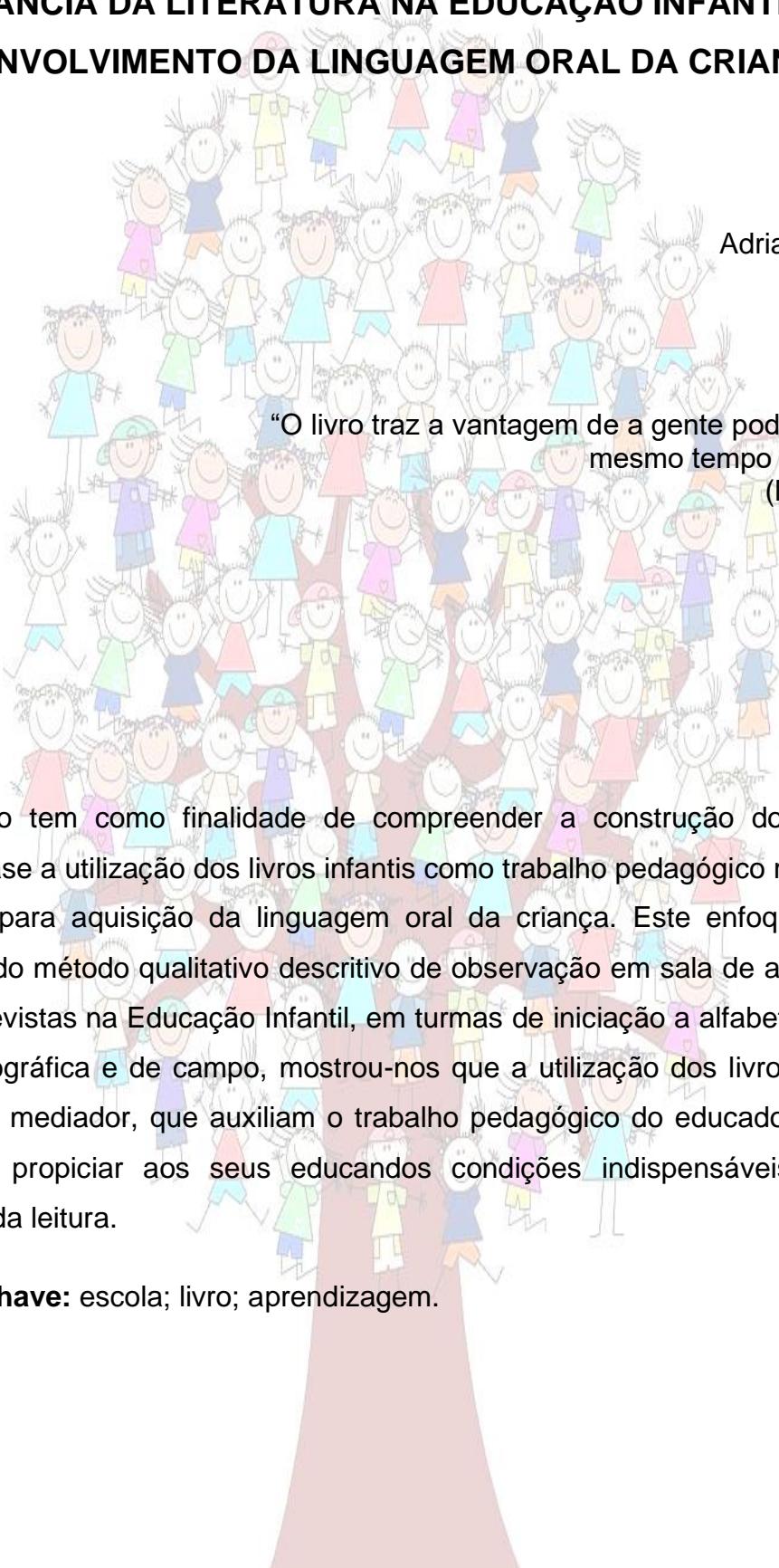
Em 2016, Refn e seu “Demônio de Neon”- descendentes diretos de uma cinematografia de linhagem peculiar- ousaram aumentar o volume deste cinema de estranheza até quase o nível do suportável. Não à toa foi muitas vezes mal compreendido. Ganha quem embarca em sua jornada: um universo sensorial incrível

é desvelado por trás de suas muitas camadas; ganha quem o aceita como legado: a presença do hibridismo e do surreal têm- mesmo que em doses homeopáticas na maioria das produções para o grande público- ganhado terreno e engrandecido o cinema e mídias adjacentes.



Luciana Vergniassi é formada em Letras pela USP Cursou História do Cinema pela AIC-SP, Crítica Cinematográfica pela AIC-SP e História do Cinema Brasileiro e Edição pela Faculdade Belas Artes

A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL COMO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL DA CRIANÇA



Adriana Maria Viana

“O livro traz a vantagem de a gente poder estar só e ao mesmo tempo acompanhado”.
(Mario Quintana)

RESUMO

Este estudo tem como finalidade de compreender a construção do conhecimento infantil dando ênfase a utilização dos livros infantis como trabalho pedagógico realizado dentro de sala de aula para aquisição da linguagem oral da criança. Este enfoque temático foi efetuado através do método qualitativo descritivo de observação em sala de aula, mediante a aplicação de entrevistas na Educação Infantil, em turmas de iniciação a alfabetização. A partir da pesquisa bibliográfica e de campo, mostrou-nos que a utilização dos livros infantis serve como instrumento mediador, que auxiliam o trabalho pedagógico do educador quanto a sua preocupação em propiciar aos seus educandos condições indispensáveis para o bom desenvolvimento da leitura.

Palavras-chave: escola; livro; aprendizagem.

APRESENTAÇÃO

Ao pensarmos nos problemas da Educação Brasileira e especialmente na Literatura Infantil, que sempre foi vista como algo simples, sentimos a necessidade de discutir e de mostrar a importância da mesma na escola e na formação do leitor.

“A Importância da Literatura na Educação Infantil como Desenvolvimento da Linguagem Oral da Criança”, tem como objetivo analisar a importância para o desenvolvimento da leitura, bem como as principais dificuldades encontradas na prática pedagógica.

Este trabalho dividiu-se em três partes: a primeira parte consiste em delinear a pesquisa passo a passo; o primeiro passo é a apresentação do tema em estudo que envolve todas as instâncias do trabalho realizado como justificativas situações problemas, questões norteadoras, objetivos e metodologias, todos os requisitos nos deram condições para conclusão do mesmo. A segunda parte consta de uma busca teórica sobre a “História da Literatura Infantil”, suas importâncias na linguagem oral, apresentam os tipos fundamentais “Poesias e Criança” e “A Arte de Contar Histórias”. A terceira parte consiste no resultado da pesquisa de campo, desenvolvido em duas escolas particulares, objetivando refletir a construção da linguagem oral da criança.

Finalmente ao terminarmos este assunto podemos constatar a importância da Literatura Infantil no processo ensino aprendizagem da linguagem oral da criança.

1.UMA DISCUSSÃO INICIAL SOBRE A TEMÁTICA

“Se a educação é a arte de cada um se relacionar com outrem e a pedagogia a arte de ensinar as letras, o sonho é a arte de relacionar os outros com os fantasmas e os fantasmas com as palavras. Se o sonho não nos ensinasse a fabricar dragões e a matar dragões, como

havíamos de aprender as palavras e as letras que nos explicam que não há dragões para matar? Não se pode ensinar a arte de matar dragões porque não há dragões para matar.... mas quando a nossa fantasia nos diz que eles existem, não temos outro remédio senão aprender a matá-los...." (João dos Santos, *O falar das letras*)

Ao ingressar na escola, a criança adquire novas experiências, novos valores, que irão enriquecer o aprendizado já estabelecido e trazido do seu convívio familiar, ou seja, do seu mundo. Já que, cada criança é um ser único com sua bagagem pessoal de vivências.

As literaturas Infantis nesse universo escolar, têm como finalidade reforçar esses conhecimentos adquiridos anteriormente, e dar novos conhecimentos à criança. Essa literatura é transmitida oralmente à criança através das histórias, e têm como objetivo conduzir a criança na arte da boa leitura, na compreensão daquilo que lê, da pronúncia e articulação, no enriquecimento do vocabulário e dar maior conhecimento à língua vernácula, facilitando com isso os meios de expressão falada e escrita, também proporcionar um crescimento cultural, despertar valores, éticos, morais e espirituais na criança.

Paulo Freire, p.28,1996 declara que, "*A leitura de mundo precede a leitura da palavra e a leitura desta implica a comunidade da leitura daquela*". A leitura nos dá condições para entendermos o mundo, ela nos decifra aquilo que está escrito, nos comunica ou informa sobre algo, e a leitura juntamente com as literaturas, ambas dão ao homem autonomia, pois amplia a visão holística do ser humano, dando-lhe o ato da reflexão, da análise, proporcionando-lhe um raciocínio mais claro e lógico, e na Educação Infantil melhora o desenvolvimento cognitivo da criança, que por sua vez torna-se capaz de opinar e decidir com segurança seus objetivos.

Ensinar o “ato” de ler, por meio da Literatura Infantil, não é simplesmente ensinar a criança a ler o mundo, mas sim um “ato” de amor, uma vez que, “Literatura é arte. Foi a maneira mais bonita que a palavra encontrou para expressar-se verbalmente bela”.

A literatura mexe com a imaginação, pensamento e ajuda na formulação de ideias, visto que, um homem evoluído tem mente evoluída, e esta é a tarefa principal da Literatura Infantil, formar cidadãos conscientes de seus direitos e deveres nesta sociedade.

Este trabalho tem como objetivo compreender como a Literatura Infantil é importante no processo de aquisição da linguagem oral da criança. Deste modo, o enfoque desta pesquisa postula-se na relevância da Literatura Infantil na Educação Infantil, e para nós educadoras este estudo nos leva a suprir nossa necessidade de saber como se trabalha a Literatura Infantil dentro de sala de aula.

Tradicionalmente, a literatura infantil, através dos contos de fadas, trazia alívio ao sofrimento infantil em face de fortes emoções, através de resgate, escape e consolo, como brilhantemente ilustrou Bettelheim em seu “A Psicanálise dos Contos de Fadas”. O alívio advinha do evoluir da psique para um estágio mais maduro, porque o conto de fadas elabora de forma simbólica os conflitos entre a criança e o mundo. Tratava-se de evoluir para ser feliz, nas últimas décadas temos observado um nítido desinteresse pelos contos de fadas tradicionais. Há mesmo uma tendência a distorcer e a escarnecer destas estórias, através das conhecidas piadinhas em que, por exemplo, a princesa beija o sapo e transforma-se em uma sapinha. Ocorre que as pessoas continuam interessadas em estórias, mas por um novo tipo de estórias, com uma diferente abordagem da psique e do estar no mundo. As estórias de hoje trazem alívio psicológico sobre um diferente enfoque: aceitar-se e acreditar em si para ser feliz.

Durante séculos o bem-estar do indivíduo entrava em oposição ao interesse comum. O que era bom para a sociedade não era necessariamente bom para o indivíduo. Casamentos arranjados, regras profissionais, tratados comerciais e políticos massacravam até mesmo os reis. Por outro lado, o que era bom para o indivíduo não era bom para a sociedade. Liberdade de escolha, criatividade e espontaneidade – privilégio de poucos - ameaçavam a produção, a defesa do solo e a família, que, sem o controle de paternidade e sem a autonomia das mulheres, necessitava do arrimo masculino.

De Platão a Comte, os pensadores tradicionais incentivaram os homens a cultivar o melhor em si mesmo, seguindo modelos pré-idealizados que visavam o interesse comum. O Eu era imperfeito e necessitava de autocontrole severo.

Quem ousasse discordar das regras estabelecidas sofria desprezo, humilhações, exílio e até a morte. Na contramão da cultura, pensadores como Nietzsche denunciavam o que

diziam ser uma técnica de antropometria a escravizar o espírito humano; defendendo o direito à liberdade e à felicidade pessoal. O Eu é perfeito, necessitando apenas florescer, manifestar-se, sendo-lhe impossível tornar-se um Eu diverso, ou melhor.

Eis que, nas últimas décadas do século XX, o individual vem ganhando cada vez mais espaço, em detrimento de valores tradicionais. Divórcio, homossexualismo, celibato, tolerância religiosa, nada escandaliza a sociedade atual, que através de suas leis trata de garantir os direitos fundamentais.

Tempos mais felizes aguardam as crianças que são criadas com estórias mais atuais como “À Procura de Nemo”, a sequência de Shrek, entre outros novos contos de fadas. Nessas estórias, a tônica é a manifestação do Eu, a aceitação da individualidade, a que se reconhece o direito de SER em um mundo mutante aberto a infinitas possibilidades.

No conto de fadas tradicional o herói (o príncipe, ou seja, o filho) tem uma missão a cumprir e seu mérito é a vitória. Nas novas estórias o mérito é a persistência. Na estória de Nemo, o herói está invertido: não é o filho que parte para salvar o pai, e sim o pai que parte para salvar o filho. Quando este pai não chega a tempo – pensa que fracassou – continua simpático ao expectador e merecedor de todo o apoio de seus aliados (os pelicanos e a peixinha).

O conto de fadas tradicional parece querer moldar o espírito infantil para o sacrifício e a busca de valores pré-estabelecidos, mas cabe-nos destacar que apesar de parecer uma crítica aos contos tradicionais, não entendemos como tal, pois a sociedade atual ainda requer muito desse pensamento coletivo. Seus heróis perdem partes do corpo, renunciam a prazeres, trabalham arduamente, conquistam princesas, animais encantados ou objetos de ouro enclausurados em torres ou palácios, sob a guarda de ferozes dragões, bruxas ou encantamentos.

Cada vez mais surgem evidências de que os sistemas de crenças produzem efeito decisivo sobre o funcionamento do ser humano, tanto psíquico quanto fisiológico, de modo que crenças que nos infundem esperança de vitória são de grande ajuda na superação de dificuldades, mesmo na vida adulta. Alguns autores vão mais além ao afirmar que, se por

qualquer razão, uma criança for incapaz de imaginar seu futuro de modo otimista, ocorrerá uma parada no seu desenvolvimento geral. E trazer mensagens da vitória do bem sobre o mal é o que os contos de fadas fazem com maestria. Evocam sempre uma verdade atemporal.

A criança, internamente, fará a transposição para a sua realidade atual. E em função de suas necessidades psíquicas momentâneas, vão reelaborando seus conteúdos internos através da repetição da estória. É por isso que tão comumente vemos as crianças pedirem a seus pais que repitam a mesma estória inúmeras vezes (ou desejam ver o mesmo filme repetidamente), que a contem novamente sem nenhuma modificação: trata-se da referência que ela está usando para compreender-se, para elaborar suas angústias ainda não resolvidas. Além disso, a repetição lhe dá uma confirmação do conteúdo que ela está processando e precisará dessa confirmação até que o conflito interno esteja solucionado. Só então deixará de solicitar aquela estória.

Outra função importante dos contos de fadas é a de resgatar o “tempo da alma”, pois a vida infantil precisa cumprir cada etapa do seu desenvolvimento para que uma estrutura psíquica equilibrada possa ser elaborada. A alma tem um tempo próprio, característico, ainda ditado pelos ritmos da natureza, que não costuma ter pressa. O “tempo da alma” é que regula o passo das fases do amadurecimento humano, em oposição à ansiedade e acúmulo de demandas, cobranças e pressões de toda sorte que a sociedade moderna exerce sobre os indivíduos, mesmo sobre as crianças.

A prática do compartilhamento dos contos de fadas deve ser estimulada porque nessa atividade fica mais fácil para as crianças falarem sobre suas angústias, partilhar suas dúvidas e ansiedades sem se expor. Isso é possível pois, ao comentar uma estória, falarão dos seus sentimentos, mas não diretamente de si próprias, já que estarão utilizando o recurso das personagens e de uma situação fictícia como apoio. Vale lembrar que em meio a esse tipo de atividade não cabe qualquer espécie de julgamento moral ou censura, pois o que importa aqui não é ensinar às crianças como se comportar (o que, por sinal, a própria estória já faz, de uma maneira muito mais rica e ilustrativa, ao mostrar as consequências dos atos de cada um),

mas oferecer às crianças a oportunidade de expressarem suas dificuldades emocionais de uma maneira protegida.

Sintetizando, os contos de fadas passam às crianças a mensagem de que na vida é inevitável termos de nos deparar com dificuldades, mas que se lutarmos com firmeza, será possível vencer os obstáculos e alcançar a vitória.

Ao ouvir uma estória, o imaginário da criança é acionado e, inconscientemente, as emoções provocadas pelos medos, frustrações, amores, desejos, sentimentos os mais variados, atingem diretamente a camada endodérmica. Daí porque, enquanto ouvem as estórias, emocionam-se com tal intensidade que têm “frios na barriga”, sustos etc.

1.1 – JUSTIFICANDO A ESCOLHA

Ao pensar neste título para trabalho de conclusão de curso, vimos que nesses três anos o que mais nos deu prazer em relação a aprendizagem foi a importância da LEITURA e da ESCRITA. Achamos interessante esse assunto, e desse modo surgiu nosso tema: “A Importância da Literatura na Educação Infantil como Desenvolvimento da Linguagem Oral da Criança”. Diante disso surgiu nossa preocupação enquanto educadoras, na tentativa de preencher a necessidade de compreender o desenvolvimento da linguagem oral da criança e a importância da literatura infantil nesse aspecto, a maneira como está sendo trabalhada em sala de aula, esta por sua vez, tem um trabalho não muito rico em atividades significativas. Em que o educando expressa alguma coisa por alguém, buscando o gosto pela leitura e o prazer por si e pelos livros, histórias e acontecimentos etc. Seu mundo é dar asas a imaginação.

Através do estudo dos fatores subtendidos na Literatura Infantil, podemos compreender melhor a importância do incentivo a leitura, de forma não mecanizada, mas relacionadas ao cotidiano da criança. Desta forma, essa temática poderá servir como subsídio para a prática educacional dos educadores, atendendo as dificuldades que poderão surgir no decorrer da construção do processo de ensino-aprendizagem.

A Literatura Infantil cria valores éticos na criança, ela também contribui para o bom desenvolvimento e condicionamento emocional e psicológico. É a linguagem psicológica que

dá realização ao imaginário infantil, além de desenvolver a linguagem, ela também desempenha uma função social, pois constrói o bom senso de maneira clara e simples.

Para melhor entendermos tudo isso, basta pensarmos que atrás de uma porta fechada no interior da criança, existe a inteligência e a sensibilidade ainda não explorada e a Literatura Infantil nesse contexto figurado, é uma chave que abrirá essa porta e dará a criança à possibilidade de explorar cada vez mais o que nela estava trancado, adormecido, ou seja, trabalhar Literatura Infantil em sala de aula é dar às nossas crianças a possibilidade de serem adultos criativos, críticos, reflexivos, capazes de serem bem sucedidos profissionalmente e pessoalmente.

1.2 - SITUANDO O PROBLEMA

Os estudos comprovam que o processo do desenvolvimento infantil é dependente e individual a cada criança, ou seja, de suas experiências e das construções cognitivas que realizam no ambiente em que interagem.

E o educador dentro desse processo é um mediador, já que é ele que vai estimular o educando a ser o agente direto de sua aprendizagem. Nesse contexto a leitura através da Literatura Infantil, é parte inerente, pois ela pressupõe a busca do conhecimento, principalmente nas séries de iniciação à alfabetização.

O enfoque desse trabalho pretende descobrir como ocorre o desenvolvimento da linguagem oral da criança nesse período de alfabetização, ou seja, como ocorre o processo de ensino aprendizagem, tendo a leitura como parte integrante, além de vermos com precisão; como vem sendo trabalhada a Literatura Infantil no sentido de buscar sua real importância, tendo como objetivo dar às crianças oportunidades de desenvolvimento em todos os aspectos: cognitivos, afetivo, social e motor.

Para o desenvolvimento de um bom trabalho, utilizamos algumas questões norteadoras que irão dar suporte a nossa pesquisa, tais como:

1. Como a Literatura Infantil contribui para o desenvolvimento oral da criança?

2. Como ocorre a aquisição da linguagem oral da criança através da Literatura Infantil?
3. Como a Literatura Infantil vem sendo utilizada enquanto recurso pedagógico?

1.3 - DEFININDO OBJETIVOS

Geral: Analisar a importância da Literatura Infantil para o desenvolvimento da linguagem oral (Leitura) da criança.

Específicos: Discutir o posicionamento de diferentes autores sobre a importância da Literatura Infantil para o desenvolvimento da linguagem oral da criança; levantar os princípios psicopedagógicas que orientam a prática pedagógica de professores da Educação Infantil, ao trabalharem com a Literatura Infantil.

1.4 - ESTABELECENDO A METODOLOGIA

O presente estudo teve uma abordagem condutora através da pesquisa qualitativa, uma vez que, se constitui numa análise da crítica sobre os fatores, na contextualização da realidade.

Segundo Trivuños

“Optou-se por um estudo baseado na pesquisa qualitativa, por acreditar que esta oferece ao pesquisador um conhecimento geral da realidade, sem desprezar a abordagem quantitativa” (1994, p.1220).

Considerando nossa opção, uma pesquisa qualitativa tem como características formas mais adequadas para o estudo de nossa pesquisa. Assim, pode oportunizar ao pesquisador uma visão ampla do cotidiano escolar, além de produzir conhecimento através da realidade encontrada e contribuir para a transformação de um estudo mais eficiente. Além disso, essa pesquisa permite ao pesquisador um contato direto com o ambiente.

LEGISLAÇÃO

Nosso entendimento inicial sobre o tema Legislação é que não há nenhuma legislação específica sobre a utilização ou não de estórias de contos de fadas no desenvolvimento de uma criança, porém, pesquisa mais ampla sobre o tema será conduzida ao longo deste projeto para validar, ou não, esta premissa. Destacamos nessa etapa do projeto três materiais que, se necessário, serão utilizados no desenvolvimento deste tema.

1. Diretrizes e bases da educação nacional: legislação e normas básicas para sua implementação - SÃO PAULO (Estado), Secretaria de Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas, São Paulo: SE/CENP, 2001.
2. Coletânea da legislação da educação e cultura: 1981-1982 – Brasil, Ministério da Educação e Cultura, Brasília: MEC, 1983.
3. Legislação básica: currículos de 1º e 2º graus - São Paulo (Estado) Secretaria de Educação. Assessoria Técnica de Planejamento e Controle Educacional. Centro de Informações Educacionais. São Paulo: SE, 1981.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao pensarmos na importância da “Literatura Infantil: um estudo sobre as contribuições da linguagem oral da criança”, levou-nos a questionar uma variedade de assuntos e temas, entre eles: o papel da escola, do educador, do educando e a interação que se faz entre eles, com relação ao assunto proposto em nosso estudo, ou seja, como nos dias atuais, a Literatura Infantil vem sendo trabalhada em sala de aula, uma vez que, a escola sempre priorizou e prioriza, a leitura como ponto de partida para o desenvolvimento e sucesso do aluno em toda sua vida escolar.

Aproveitando a magia do faz de conta, exploraremos ao longo do trabalho as utilizações da literatura infantil e contos de fadas no processo de desenvolvimento da linguagem oral da criança. Aspectos positivos e negativos dessa utilização. Além de apresentarmos situações em que o bem contra o mal, o indivíduo isoladamente terá que superar seus desafios serão utilizadas em salas de aula ou em outras situações de desenvolvimento das crianças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGELINI Rossana M. **A Literatura Infanto - Juvenil.** Apostila de aula – Disciplina: Linguagens e Expressões em Educação – UNIP 2008

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas.** Edit. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1980.

COELHO, Nelly N. **O Conto de Fadas.** São Paulo: Ed. Ática, 1991

FREIRE Paulo: Conscientização. **Teoria e Prática: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire.** 1º Edição. São Paulo-SP. Ed Moraes, 1996.

SANDRONI, Laura. **De Lobato a Bojunga: as Reinações Renovadas.** 1ª Edição. São Paulo, SP, 1987.

VON FRANZ, Marie-Louise. **A Individuação nos Contos de Fadas.** Edit. Paulus, São Paulo, 1980.

ZILBERMAN Regina. **Leitura: Práticas, impressos, letramento.** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

ANEXO

Pesquisa de campo

Caro Professor

Solicitamos sua colaboração em nossa pesquisa de campo para elaboração do nosso TCC, que tem como título: A Importância da Literatura Na Educação Infantil como Desenvolvimento da Linguagem Oral da Criança.

Esta será a última etapa a cumprir, e para que ela seja realizada solicitamos sua ajuda e seu espírito de cooperação e desde já agradecemos esse apoio ao nosso trabalho.

Questionário

1. Como você vê a importância da leitura para a criança?

2. Como você incentiva seus alunos ao hábito da leitura?

3. Qual a importância das histórias infantis nesse processo de conhecimento da leitura?

4. Você lê poesias com seus alunos?

5. Como você vê a importância da Literatura Infantil na construção da linguagem oral da criança?

6. Como você trabalha Literatura Infantil com seus alunos em sala de aula?

